



Organização
Internacional
do Trabalho

Sumário Executivo

Relatório Global sobre os Salários 2012/13

Salários e crescimento equitativo

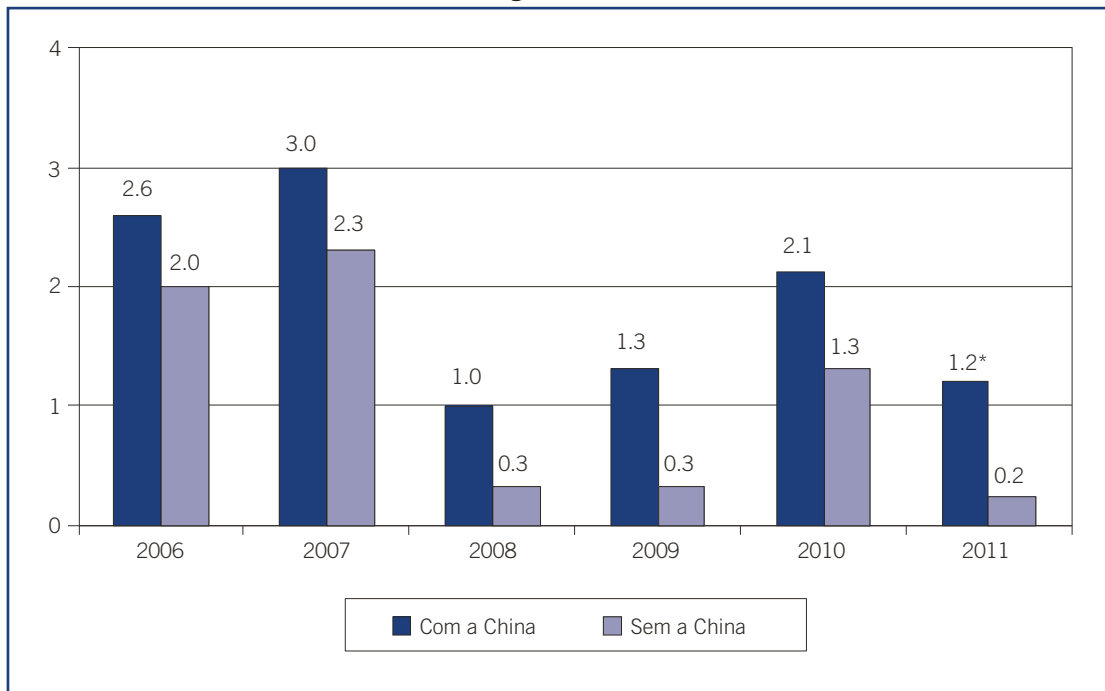
Sumário Executivo

Principais tendências nos salários

A crise continua a refrear os salários

Em termos globais o crescimento dos salários médios reais manteve-se muito abaixo dos níveis pré-crise, apresentando valores negativos nas economias desenvolvidas, embora tenha permanecido elevado nas economias emergentes. Os salários médios mensais ajustados pela inflação - conhecidos como salários médios reais - cresceram globalmente 1,2 por cento em 2011, valor inferior aos 2,1 por cento em 2010 e aos 3 por cento em 2007. Face à sua dimensão e a um forte desempenho económico, a China tem um grande peso neste cálculo global. Omitindo a China, o crescimento dos salários médios reais globais foi de apenas 0,2 por cento em 2011, abaixo dos 1,3 por cento em 2010 e dos 2,3 por cento em 2007.

Crescimento anual dos salários médios reais globais, 2006-11 (%)



* Taxas de crescimento publicadas como "estimativas provisórias" (baseadas numa cobertura de c.75%).

Nota: O crescimento global dos salários é calculado através de uma média ponderada do crescimento ano-a-ano do salário médio mensal em 124 países, com uma taxa de cobertura de 94,3 por cento de todos os trabalhadores por conta de outrem no mundo (para uma descrição da metodologia, ver Anexo 1).

Fonte: ILO Global Database.

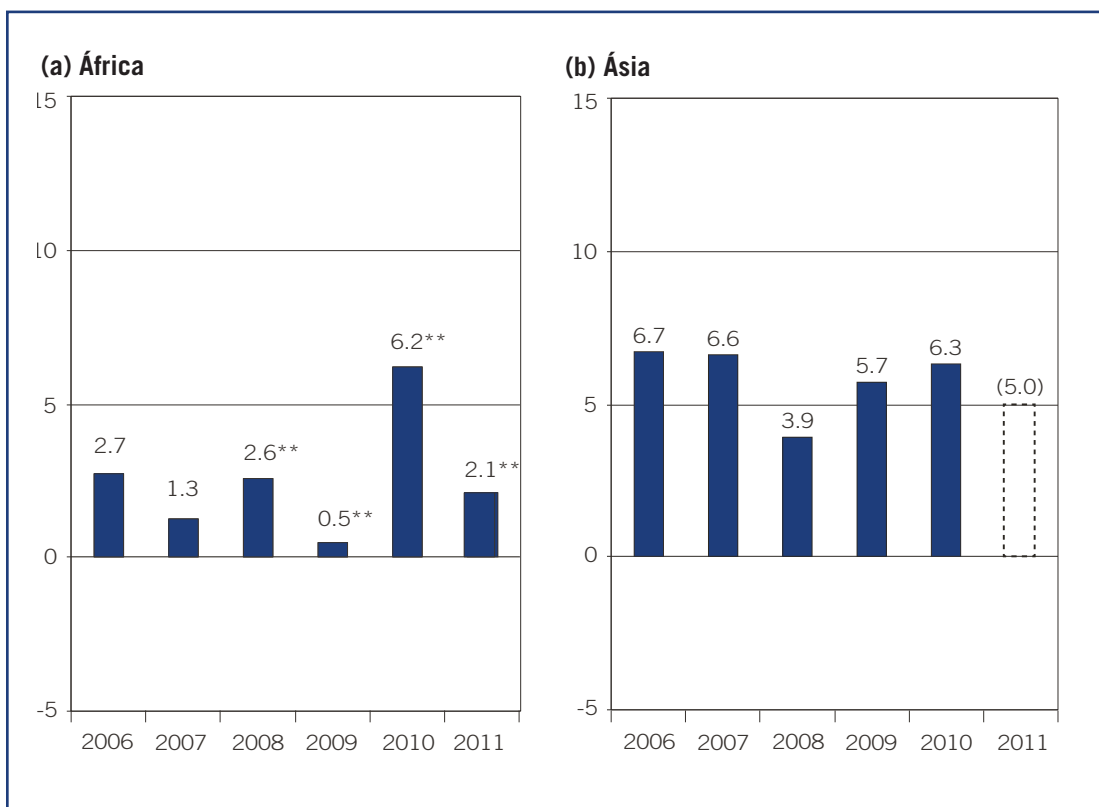
Diferenças regionais no crescimento dos salários

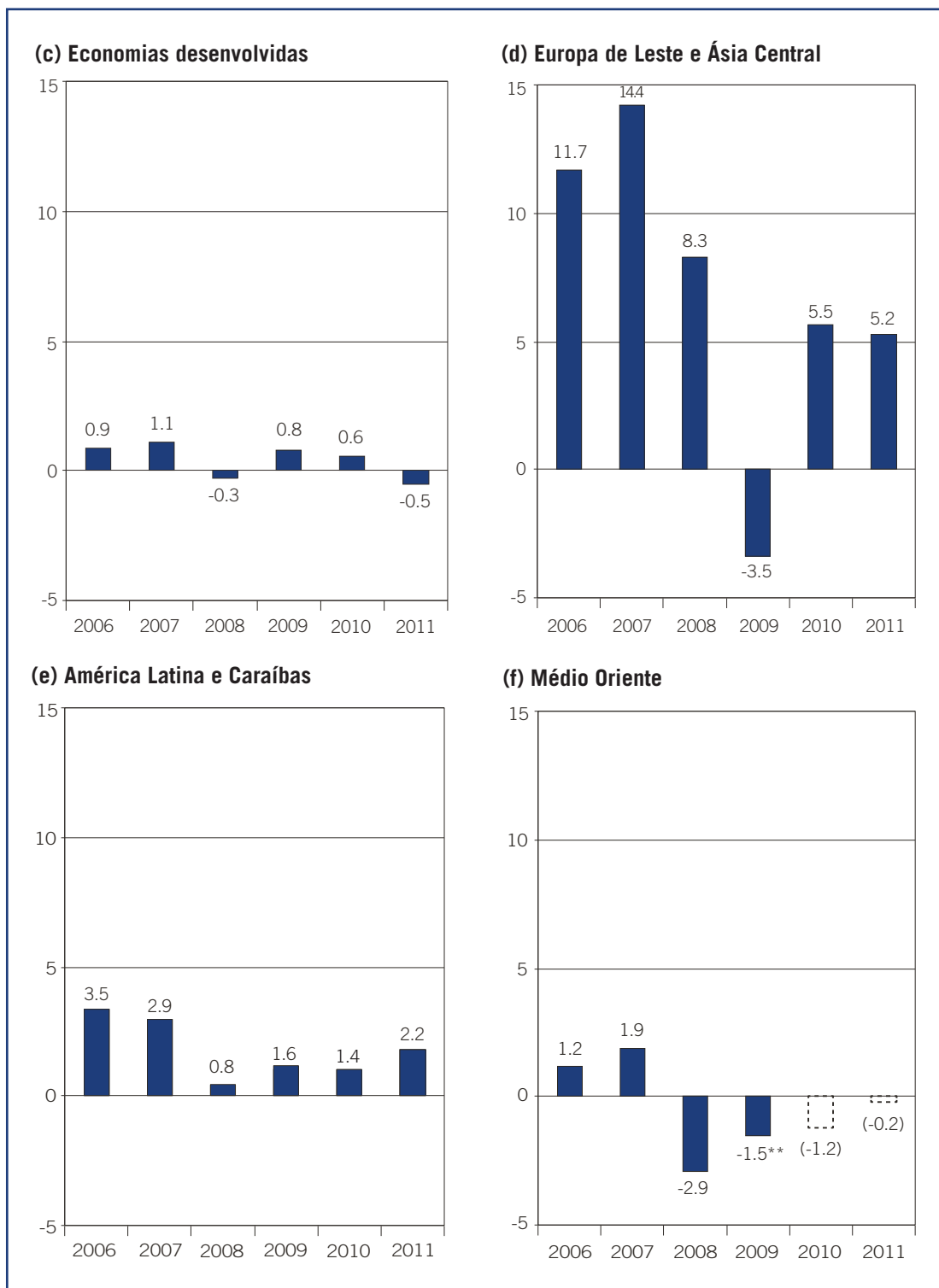
Existem grandes variações geográficas nas tendências de crescimento dos salários médios reais. Os salários sofreram uma dupla queda (*double-dip*) nas economias desenvolvidas, mas mantiveram-se positivos ao longo da crise na América Latina e nas Caraíbas, e ainda mais na Ásia. As flutuações foram maiores na Europa de Leste e na Ásia Central, em parte como resultado da forte recuperação dos salários no período pós-transição, antes da crise económica global, e da acentuada contração dos salários reais em 2009. No Médio Oriente, os salários médios reais parecem ter sofrido uma diminuição desde 2008, mas algumas das estimativas ainda são provisórias, tal como acontece com África.

Crescimento acumulado dos salários por região

As diferenças entre as regiões são particularmente marcantes, se olharmos para o crescimento salarial acumulado entre 2000-2011. Em termos globais, os salários reais médios mensais cresceram pouco menos de um quarto, na Ásia quase duplicaram, enquanto nas economias desenvolvidas aumentaram em cerca de 5 por cento. Na Europa de Leste e Ásia Central os salários reais quase triplicaram, mas isso ficou a dever-se fundamentalmente à recuperação da transição para economias de mercado. Na Rússia, por exemplo, o valor real dos salários caiu para menos de 40 por cento do seu valor na década de 1990 e foi necessário passar mais uma década até os salários recuperarem para o seu nível inicial.

Crescimento anual dos salários médios reais por região, 2006/11)





* Taxas de crescimento publicadas como "estimativas provisórias" (baseadas numa cobertura de c.75%).

** Taxas de crescimento publicadas como "estimativas preliminares" (baseadas numa cobertura de c.40-74%).

() Taxas de crescimento publicadas mas sujeitas a alterações (baseadas numa cobertura inferior a 40%).

Nota: Para uma descrição da metodologia, ver Anexo 1.

Fonte: ILO Global Database.

Diferenças regionais nos níveis salariais

Apesar do crescimento significativo dos salários nas economias emergentes, as diferenças nos níveis salariais continuam a ser consideráveis. Nas Filipinas, um trabalhador da indústria transformadora ganhou menos de 1,40 USD por hora de trabalho. No Brasil, a remuneração paga numa base horária no setor foi de 5,40 USD, na Grécia foi de 13 USD, nos Estados Unidos de 23,30 USD e na Dinamarca de 34,80 USD (taxas de câmbio de 2010 arredondadas).

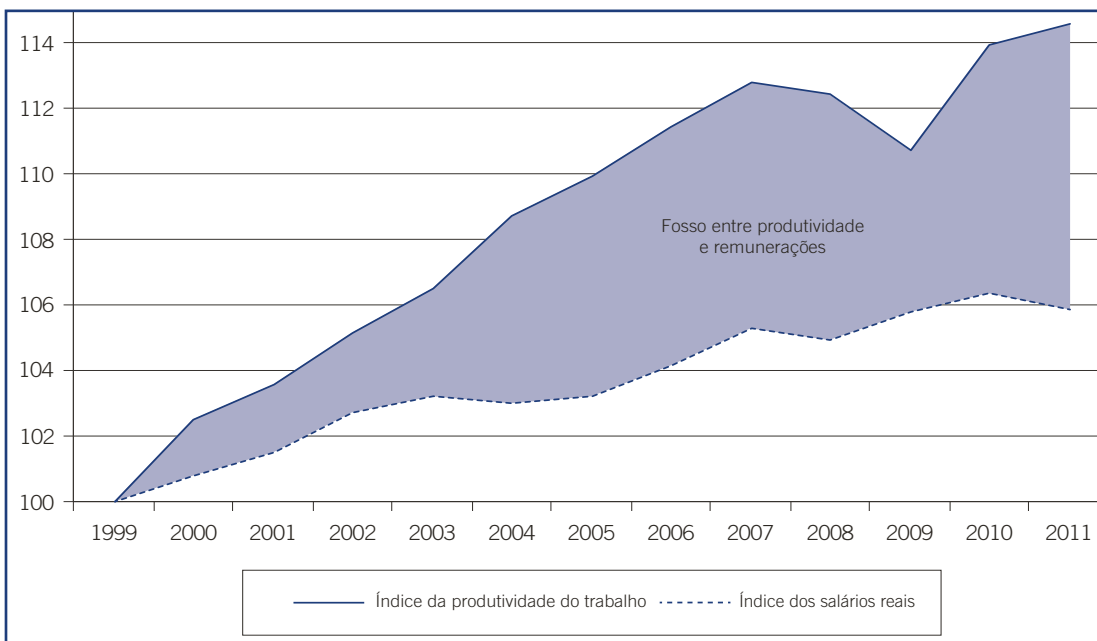
Queda da quota parte do trabalho (peso do trabalho) e crescimento equitativo

Uma menor fatia do bolo para os trabalhadores em todo o mundo

Entre 1999 e 2011 a produtividade média do trabalho nas economias desenvolvidas aumentou mais do dobro do que o salário médio (figura 13). Nos Estados Unidos, a produtividade real horária do trabalho no sector empresarial não agrícola aumentou cerca de 85 por cento desde 1980, enquanto a remuneração horária real cresceu apenas cerca de 35 por cento. Na Alemanha, a produtividade do trabalho aumentou em quase um quarto ao longo das últimas duas décadas, enquanto os salários reais mensais se mantiveram estáveis.

A tendência global resultou numa mudança na distribuição do rendimento nacional, com a parte afectada aos rendimentos do trabalho a diminuir ao passo que a parte

Tendências de crescimento nos salários médios e da produtividade do trabalho nas economias desenvolvidas (índice=100)



Nota: Uma vez que os índices se referem a uma média ponderada, as evoluções nas três maiores economias desenvolvidas (Estados Unidos, Japão e Alemanha), têm um impacto particular neste resultado. A produtividade do trabalho é medida como o produto por trabalhador.

Fonte: ILO Global Database.

do rendimento do capital aumentou na maioria dos países. Mesmo na China, um país onde os salários praticamente triplicaram na última década, o PIB cresceu a uma taxa mais rápida do que a massa salarial total - e, conseqüentemente o peso do rendimento do trabalho caiu.

A queda no peso do rendimento do trabalho ficou a dever-se ao progresso tecnológico, à globalização do comércio, à expansão dos mercados financeiros e à diminuição da taxa de sindicalização, o que degradou o poder de negociação colectiva do trabalho. A globalização financeira, em particular, pode ter desempenhado um papel mais relevante do que inicialmente se pensava.

As conseqüências do declínio do peso dos rendimentos do trabalho

A diminuição do peso dos rendimentos do trabalho não só afeta a percepção do que é justo - sobretudo tendo em conta as preocupações crescentes sobre as remunerações demasiado elevadas entre os directores executivos (CEO) e no setor financeiro, mas também prejudica o consumo interno podendo conseqüentemente, originar quebras na procura agregada. Estas quebras nalguns países foram compensadas pelo aumento das exportações líquidas, mas nem todos os países têm ao mesmo tempo um excedente na sua balança de transacções correntes. Assim, uma estratégia de redução nos custos unitários do trabalho, uma recomendação frequente para países em crise com défices da balança de transacções correntes, pode correr o risco de ter efeitos negativos sobre o consumo interno em vez de aumentar as exportações. Se um elevado número de países recorrer simultaneamente a cortes salariais tendo em vista a competitividade, isso pode conduzir a um nivelamento por baixo no peso dos rendimentos do trabalho, reduzindo a procura agregada.

Implicações para o crescimento equitativo

Distribuição do rendimento e níveis salariais

O *Relatório Global sobre os Salários* contribui para ampliar a literatura sobre as alterações na distribuição e nos níveis de salários quer dentro de cada país quer entre os vários países, bem como sobre as implicações sócio-económicas dessas tendências. Uma das principais conclusões desta literatura é a crescente desigualdade de rendimentos, em termos da distribuição do rendimento funcional e pessoal.

Em termos de distribuição funcional do rendimento, que diz respeito à forma como o rendimento nacional tem sido distribuído entre trabalho e capital, verifica-se em inúmeros países uma tendência de longo prazo no sentido da queda do peso dos salários e de um aumento da participação dos lucros. A distribuição pessoal de salários também se tornou mais desigual, com um fosso crescente entre os 10 por cento de trabalhadores por conta de outrem no topo da escala salarial e os 10 por cento na base. Esses “desequilíbrios” internos tinham tendência para criar ou agravar os desequilíbrios externos, mesmo antes da Grande Recessão, com os países a tentar compensar os efeitos adversos dos salários mais baixos na procura de consumo interno através da concessão de crédito fácil ou de excedentes de exportação.

Reforçar a interligação entre a produtividade e os salários

O que deve ser feito? A nossa análise sugere que devem ser tomadas medidas orientadas para o “reequilíbrio” a nível nacional e global. De modo a corrigir os desequilíbrios externos, os decisores políticos não devem enveredar por uma visão simplista nos termos da qual os países podem “encurtar” o seu caminho para sair da recessão. Devem adotar políticas que promovam uma ligação estreita entre o crescimento da produtividade do trabalho e o crescimento da remuneração dos trabalhadores. A existência de um elevado excedente da balança de transacções correntes nalguns países sugere que há margem de manobra para melhorar a interligação entre a produtividade e os salários, como forma de estimular a procura interna. Os decisores políticos devem ter cuidado para não promoverem um nivelamento por baixo do peso dos rendimentos do trabalho nos países deficitários ou por toda a zona euro. As medidas de austeridade que são impostas do exterior e ignoram os parceiros sociais, prejudicam a existência de relações laborais eficazes.

Reforçar as instituições

O “reequilíbrio interno” pode começar por fortalecer as instituições afectas à determinação dos salários. Dada a dificuldade de organização dos trabalhadores, em particular no contexto da crescente segmentação do mercado de trabalho e das rápidas mudanças tecnológicas, é necessário criar ambientes propícios e facilitadores da negociação coletiva. Os trabalhadores com baixos salários também precisam de maior protecção na determinação dos salários. Os salários mínimos, quando adequadamente fixados, têm-se revelado um instrumento de política eficaz, que pode fornecer um patamar salarial digno, permitindo garantir um padrão mínimo de qualidade de vida para esses trabalhadores e para as suas famílias.

Reformas fora do âmbito do mercado de trabalho

É irrealista pretender obter a redistribuição dos rendimentos apenas por intermédio das políticas do mercado de trabalho. A redistribuição também vai exigir uma série de mudanças que estão fora do âmbito dos mercados de trabalho, incluindo a reforma e reestruturação dos mercados financeiros, para restabelecer o seu papel na canalização de recursos para investimentos produtivos e sustentáveis. Há outras dimensões críticas de “reequilíbrio” que merecem uma análise mais detalhada, incluindo o equilíbrio entre a tributação do capital e dos rendimentos do trabalho.

Uma visão que extravasa os trabalhadores por conta de outrem

Nas economias em desenvolvimento, mecanismos de garantia de emprego que incluem o pagamento do salário mínimo são formas de criar incentivos para as empresas privadas cumprirem o salário mínimo. Mas dado que nos países em desenvolvimento e emergentes apenas cerca de metade de todos os trabalhadores são trabalhadores por conta de outrem, são necessárias medidas adicionais destinadas à criação de mais empregos por conta de outrem, para o aumento da produtividade e dos rendimentos dos trabalhadores por conta própria .

Copyright © Organização Internacional do Trabalho

Este resumo não constitui um documento oficial da Organização Internacional do Trabalho.

As opiniões expressas não refletem necessariamente os pontos de vista da OIT. As designações utilizadas não implicam da parte da OIT nenhuma tomada de posição relativamente à condição jurídica de qualquer país, área ou território, ou respetivas autoridades, ou ainda relativamente à delimitação das respetivas fronteiras.

O texto pode ser livremente utilizado desde que mencione a fonte.

Departamento de Comunicação e de Informação Pública
Bureau international du Travail
4 route des Morillons, 1211 Geneva 22, Switzerland
para mais informação, visitar o nosso sitio na internet www.ilo.org



A Base de Dados do Relatório Global sobre os Salários encontra-se disponível em:
www.ilo.org/wage12.

Digitalize o código QR com o seu smartphone
para aceder à Base de dados do Relatório Global sobre os Salários online.